

Holocausto Brasileiro: uma análise crítica da narrativa jornalística¹

Karina Menezes VASCONCELLOS²

Carlos Pernisa Júnior³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A recuperação do passado pela memória, individual ou coletiva, constitui-se em importante ferramenta na reconstituição da história. Quando fatos pretéritos repercutem de forma enfática no presente, ao jornalismo é permitido apropriar-se dessa memória para transmitir e recontar à luz do novo aquilo que já passou, entretanto, nesta apropriação, o fato transforma-se em um novo discurso, onde a narração determinará a forma como o conteúdo chegará até o receptor da informação. Este estudo investigou como a série “Holocausto Brasileiro” veiculada no jornal impresso “Tribuna de Minas” reconfigurou, através das técnicas e estratégias narrativas empregadas pela jornalista Daniela Arbex, a história do Hospital Colônia de Barbacena ao criar um enredo dramático sobre o acontecimento, onde protagonistas, antagonista e heróis ganharam vida para conquistar o público.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; memória; narrativa; holocausto; Tribuna de Minas.

Introdução

Este artigo pretende analisar como o jornalismo se apropria de fatos do passado para repercutir no hoje uma denúncia simbólica, revisitando as memórias de quem protagonizou e vivenciou diretamente este passado e, a partir disso, como a atividade jornalística reinterpreta esse mesmo passado através da construção narrativa da reportagem, localizando o fato enquanto um enredo, onde protagonistas, antagonistas e heróis realizam uma função específica na história contada. Este novo enredo reinterpreta no presente

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Mestranda em Comunicação e Sociedade pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: Karina.m.vasconcellos@gmail.com.

³ Professor do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carlos.pernisa@uff.edu.br

através do jornal impresso “Tribuna de Minas” as mortes e maus-tratos vivenciados por mais de 60 mil internos no hospital psiquiátrico Colônia, localizado na cidade mineira de Barbacena, há mais de 50 anos. Através de um amplo trabalho de investigação, a repórter especial do veículo, Daniela Arbex, recuperou o histórico deste lugar e as histórias de quem dela participou ativamente. Os amplos relatos e fontes pesquisadas resultariam, posteriormente, no livro *Holocausto Brasileiro*, lançado em 2013 pela Editora Geração.

A Série

A reportagem “Holocausto Brasileiro” começou a ser veiculada no jornal “Tribuna de Minas” no domingo, dia 20 de outubro de 2011 e encerrou-se no dia 27 de novembro, contabilizando 7 matérias diárias. Com a chamada de capa, “Holocausto brasileiro: 50 anos sem punição – mais de 60 mil morreram de fome, frio, tortura e doenças variadas no Hospital Colônia de Barbacena, onde 70% não tinham problemas mentais.” (ARBEX, Daniela, 2011, p.1). Daniela Arbex começava a construir o cenário da loucura em Barbacena, 50 anos no passado. Através de um amplo trabalho de pesquisa que durou 30 dias, o jornal reconstituiu o passado do Hospital a partir de imagens do fotógrafo Luiz Alfredo publicadas na revista “O Cruzeiro” no ano de 1961 e de relatos testemunhais de antigos internos, médicos e jornalistas.

Toda a reportagem foi publicada na Editoria Geral e tiveram um grande destaque diário no jornal. Com exceção da entrevista realizada com o cineasta Helvécio Raton e da matéria “Após 10 anos, lei ainda divide especialistas” veiculadas respectivamente nos dias 25 e 26 de outubro que dividiram espaço com outras pequenas notas, todas as demais matérias ganharam páginas inteiras no veículo. As primeiras três matérias veiculadas, “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição”, “Comércio da morte só parou na década de 80” e “33 crianças viveram horrores da Colônia”, deram destaque em primeiro plano para fotografias de forte impacto de ex-internos, a condição degradante em que viviam e as precárias instalações internas do Hospital.

As três primeiras matérias possuíam um caráter fortemente descritivo. Nelas, a repórter se preocupou em dissecar o histórico do local, explicar sua evolução e decorrente transformação em um “hospital de horrores” e paralelamente resgatar a memória de algumas vítimas do Colônia, desde a internação até o ano de 2011. As quatro últimas matérias adquiriam um tom mais ameno ao tirar o foco predominante na história das vítimas e ancorar-se mais outros pontos-chaves importantes para a contextualização da luta antimanicomial no Brasil. A última matéria da série “A história por trás da história” foi

redigida em primeira pessoa por Daniela Arbex com o intuito de mostrar o trabalho jornalístico e as impressões pessoais da repórter na construção de “Holocausto Brasileiro”.

Para análise da série “Holocausto Brasileiro” este estudo irá abordar, a análise crítica da narrativa jornalística abordada por Luiz Gonzaga Motta. Esta metodologia pretende compreender a reportagem enquanto um enredo noticioso, com início, meio, fim, clímax, conflitos, protagonistas e antagonistas que se revezam através das estratégias elaborados pela repórter na narração da notícia. Com esta abordagem pretende-se mostrar que o conteúdo jornalístico, visto sob o prisma de uma narrativa, se transformará em uma nova história, repleta de significações singulares que não podem ser percebidas em uma análise que considere a notícia como mera repercussão de um fato.

A Análise Crítica

Na narrativa jornalística, o primeiro plano através do qual o leitor, telespectador ou internauta realiza o contato inicial com a história ou notícia a ser contada é aquele situado na atmosfera da linguagem. É pela linguagem adotada que o jornalista expressará e divulgará o fato. Para o objeto de análise deste estudo, a série Holocausto Brasileiro, a linguagem é de extrema importância, uma vez que o veículo através do qual ela se ancora é o jornalismo impresso, o jornal. No jornal, as palavras e expressões escolhidas pelo repórter saltam direto para o colo do leitor, sendo o meio através do qual jornalista e público dialogam e se relacionam.

A linguagem está inserida no plano da expressão, proposto por Luiz Gonzaga Motta. Neste plano o narrador jornalista fará uso das primeiras estratégias a fim de conquistar o leitor para a história que pretende contar. Através do discurso, ele imprimirá tonalidades e ênfases, destacará certos aspectos, priorizará um determinado ângulo da história e fará usos de algumas expressões gramaticais de acordo com a intenção comunicativa que pretenda adotar ou inferir em seu relato (MOTTA, 2013, p. 137). Várias podem ser as estratégias de produção de efeito de real que o narrador jornalista fará uso em seu texto com a finalidade de trazer veracidade e a autenticidade para o seu relato do fato. Neste estudo vamos optar pelas citações, tanto de fontes quanto de falas das fontes. Esta escolha tem por objetivo comprovar a importância destas citações para a criação de uma narração dramática na reportagem.

A reportagem “Holocausto Brasileiro” foi composta de sete matérias diárias, nas quais 21 fontes revezaram suas falas na reconstrução da história do Hospital Colônia e

do tratamento psiquiátrico no Brasil. As 21 fontes mencionadas, composta por médicos, jornalistas, políticos, uma ex-funcionária do hospital e uma sobrevivente da Colônia, tiveram suas declarações inseridas em pontos cruciais da narrativa. A escolha da fala de cada uma pela repórter permitiu a criação, na perspectiva do leitor, de um cenário trágico vivenciado no interior dos muros do Hospital Colônia, em Barbacena.

A primeira matéria, “Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição” (ARBEX, 2011, p. 1), faz uma recapitulação do histórico do local, da sua criação em 1903 à transformação em um hospital de horrores, superlotado e entregue ao pior tipo de sorte, durante a ditadura militar; são expostos dados que evidenciam o extermínio de 60 mil pacientes, vítimas de falta de cuidados e maus-tratos variados.

Já nesta matéria é possível identificar a linha de raciocínio que a repórter pretende seguir durante toda a narrativa, ou, nas palavras de Motta (2013), “a lógica do paradigma narrativo”: o Hospital Colônia de Barbacena atuou durante décadas como uma instituição psiquiátrica que ao invés de prezar pela tutela responsável de seus internos, promoveu um verdadeiro genocídio ao fazer uso de métodos equivocados e irresponsáveis de tratamento psiquiátrico. Para ancorar esta assertiva de forma fática e convencer o leitor dela, a matéria coloca em foco fontes que confirmarão a rotina de crueldades vivenciadas no hospital. Antes porém, no *lead* da reportagem, a própria jornalista colocará esta sentença em evidência para os leitores:

Não se morre de loucura. Pelo menos em Barbacena. Na cidade do Holocausto brasileiro, mais de 60 mil pessoas perderam a vida no Hospital Colônia, sendo 1.853 corpos vendidos para 17 faculdades de medicina até o início dos anos 1980, um comércio que incluía ainda a negociação de peças anatômicas, como fígado e coração, além de esqueletos. As milhares de vítimas travestidas de pacientes psiquiátricos, já que mais de 70% dos internados não sofria de doença mental, sucumbiram de fome, frio, diarreia, pneumonia, maus-tratos, abandono, tortura. Para revelar uma das tragédias brasileiras mais silenciosas, a Tribuna refez os passos de uma história de extermínio (ARBEX, 2011, p.1).

Neste estudo, compreendemos projeto dramático enquanto uma forma de reconstrução da realidade, através da qual o narrador reconfigura o fato de modo a produzir determinadas respostas em seu receptor; em acordo com os recursos discursivos que tem a seu dispor, o narrador fará uso de determinadas estratégias argumentativas em prol da lógica narrativa que pretende adotar (MOTTA, 2013, p. 143).

De acordo com esta assertiva, podemos identificar o projeto dramático desenvolvido pela repórter na série “Holocausto Brasileiro”: denunciar através da recuperação do passado o extermínio em massa de milhares de pacientes de uma instituição

psiquiátrica. Extermínio esse causado pela própria instituição a qual os internos foram confiados. Este fato trágico sustentará e dará ritmo e lógica à narrativa.

A primeira fonte utilizada tem a sua fala encaixada nesta perspectiva. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, Wellerson Durães de Alkmim conta como foi o seu primeiro dia no hospital:

Eu era estudante do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, em Belo Horizonte, quando fui fazer uma visita à Colônia 'Zoológica' de Barbacena. Tinha 23 anos e foi um grande choque encontrar, no meio daquelas pessoas, uma menina de 12 anos atendida no Hospital de Neuropsiquiatria Infantil. Ela estava lá numa cela, e o que me separava dela não eram somente grades. O frio daquele maio cortava sua pele sem agasalho. A metáfora que tenho sobre aquele dia é daqueles ônibus escolares que foram fazer uma visita ao zoológico, só que não era tão divertido, e nem a gente era tão criança assim. Fiquei muito impactado e, na volta, chorei diante do que vi (ALKMIN *apud* ARBEX, 2011, p. 1).

Relacionando as duas falas, a da repórter e a do psiquiátrica, outro importante movimento da narração pode ser percebido: a construção da personagem e a sua centralidade na narrativa. A personagem a qual nos referimos são as vítimas é por elas que a denúncia foi realizada e é ao redor delas que toda a reportagem estará, seja através de uma declaração, lembrança ou citação.

De modo semelhante ao que acontece na arte da representação, em que uma pessoa real interpreta uma personagem, nas reportagens jornalísticas, sobretudo na que está sendo aqui analisada, isso também ocorrerá. No momento em que são inseridas no âmbito da notícia, as fontes transformam-se em personagens, uma vez que estão dependentes de um discurso fabricado e produzido, em um cenário determinado, onde o narrador, ou o repórter, determinará suas nuances, a medida da angulação e o recorte exato de sua declaração que venha trazer credibilidade e veracidade para aquilo que é noticiado; apesar de representarem pessoas, não são reais, são apenas representações. Como ressalta Motta: “Um analista da narrativa jornalística precisa manter em mente que as personagens que as notícias relatam habitam a realidade da própria narrativa” (MOTTA, 2013, p.190).

Isto posto, compreendemos que as personagens principais da narrativa jornalística “Holocausto Brasileiro”, citadas no *lead* da matéria pela repórter, as vítimas, são representações das pessoas reais que foram internadas e viveram no Hospital Colônia de Barbacena, mas, inseridas no discurso da reportagem, transformam-se em personagens. Podemos considerá-las como as protagonistas da narrativa porque são elas o “ponto de foco dramático” da série (CAMPOS, 2007, p. 45 *apud* MOTTA, 2013, p.174). A partir da

história, dos dramas e traumas causados nas vítimas que todo o enredo da série é construído e apresentado para o leitor.

Duas fontes farão as primeiras importantes analogias entre o Hospital Colônia e o holocausto nazista. Ao colocar o recorte da declaração das fontes com esta analogia no começo da narração, a jornalista alicerça e ancora o seu relato através da fala de outras pessoas. Vale ressaltar que a fala dessas fontes adquirem um caráter verossímil por se tratar de autoridades no assunto em questão: o psiquiatra e escritor Ronaldo Simões Coelho, que trabalhou na Colônia no início da década de 1960 como secretário geral da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica, e o ex-secretário de estado da saúde de Minas Gerais e ex-deputado federal Marcus Pestana.

Vale aqui uma importante observação. É próprio da narrativa jornalística acrescentar o cargo, profissão ou função profissional que a fonte realiza antes do nome próprio. Essa nomenclatura é chamada por Motta (2013) de “designante textual” e, segundo o autor, dentro da narrativa, indica como o narrador quer que o leitor conceba e imagine seus personagens.

Retornando para as declarações, Ronaldo Simões Coelho destaca os maus tratos como principal fator de relação com o holocausto nazista. Sua fala é fundamentada pela perspectiva de quem viu os campos de concentração da Alemanha de perto:

A coisa era muito pior do que parece. Cheguei a ver alimentos sendo jogados em cochos, e os doidos avançando para comer, como animais. Visitei o campo de Auschwitz e não vi diferença. O que acontece lá é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente. Havia um total desinteresse pela sorte. Basta dizer que os eletrochoques eram dados indiscriminadamente. Às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves (COELHO *apud* ARBEX, 2011, p.1).

Nota-se que Ronaldo Simões Coelho utiliza a expressão “doidos” e “ como animais” para referir-se aos internos do Hospital. Apesar da declaração ser da fonte, foi a repórter quem a selecionou, recortou e inseriu no texto. A escolha deste trecho corrobora com a imagem de maus tratos destacadas logo no primeiro parágrafo da matéria.

Marcus Pestana situa a condição vivenciada na Colônia como um capítulo importante, apesar de trágico, para guiar de forma mais humanitária a saúde pública. Em sua declaração há uma equivalência direta entre o holocausto da Alemanha de Hitler e o holocausto de Barbacena:

Por mais duro que seja, há que se lembrar sempre, para nunca se esquecer - como se faz com o holocausto - as condições subumanas vividas naquele campo de concentração travestido de hospital. Trazer à tona a triste memória dessa travessia marcada pela iniquidade e pelo desrespeito aos direitos humanos é uma forma de consolidar a consciência social em torno de uma nova postura de atendimento, gerando uma nova página na história da saúde pública (PESTANA *apud* ARBEX, 2011 p. 1).

Mais duas fontes são mencionadas, dessa vez, pessoas que estão inseridas na rotina diária do Hospital Colônia. Marlene Laureano, funcionária da unidade até os dias atuais (o antigo Hospital Colônia funciona hoje como o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena) e Sonia Maria da Costa, que chegou ao hospital quando criança. Marlene destaca a negligência e super lotação do local: "Todas as manhãs, eu tirava o capim e colocava para secar. Também dava banho nos pacientes, mas não havia roupas para vestirem. Tinha um pavilhão com 300 pessoas para alimentar, mas só tinha o suficiente para 30. Imagine!" (LAUREANO *apud* ARBEX, 2011, p. 1). Sonia ressalta a rotina de maus tratos a que eram submetidos: "Lá no hospital judiavam muito da gente. Já apanhei muito, mas bati em muita gente também. Como era agressiva, me deram muito choque. Agora tenho comida gostosa, talheres e o principal: liberdade" (COSTA, *apud* ARBEX, 2011. p. 1).

Os relatos estabelecem uma relação de simetria e complementação. As falas transcritas dos médicos são autenticadas pelas da funcionária e da sobrevivente. Percebe-se que não há um contraponto ou uma fonte que justifique o tratamento psiquiátrico feito na Colônia como necessário ou responsável. A repórter parte de prerrogativa que o que foi praticado naquele hospital é injustificado e desumano, e as declarações de cada fonte expressam exatamente esta ideia, não por acaso, uma vez que foram escolhidas para ocuparem um espaço determinada dentro da narrativa. Marlene e Sonia são personagens da matéria, inseridas para confirmar e ratificar a tese "Holocausto Brasileiro". Atuam na narrativa como interlocutoras e testemunhas de uma tragédia, através delas a jornalista transmite sua argumentação e demarca seu ponto de vista e angulação do fato.

A segunda matéria, "Comércio da morte só parou da década de 80 – Hospital Colônia vendeu 1.853 corpos para faculdades de medicina: estudantes desconheciam o horror por trás dos corpos usados nas aulas" (ARBEX, 2011, p. 5), abria um novo capítulo na história do hospital. A repórter destaca médicos que tiveram contato com o hospital ainda durante a graduação e evidencia o estranhamento e horror destes ao descobrirem a procedência dos cadáveres utilizados nas aulas de anatomia. A reportagem ressalta que o

comércio de corpos da Colônia era um mercado lucrativo que beneficiava várias faculdades de medicina da região.

O *lead* da segunda matéria, traz, como no primeiro, um tom urgente de denúncia. Aqui é possível perceber com maior clareza a consolidação de um duelo, que iniciou-se na primeira matéria da série. Para a fundamentação de uma narração que estabeleça um “projeto dramático” a partir de uma situação discordante, como àquela que é foco desta análise, é necessário que dois lados sejam claramente identificados pelo leitor: àquele que originou o conflito e àquele que protagonizou este conflito. Neste estudo, o causador do conflito é o Hospital Colônia e as protagonistas deste conflito, as vítimas.

Para dar voz a estas denúncias e demarcar o Hospital Colônia de Barbacena como o causador primário do conflito, mais uma vez a jornalista recorre à fontes que confirmam autenticidade e embasamento ao relato, como o do jornalista Luiz Alfredo, responsável pelo maior registro fotográfico das condições vivenciadas no hospital. O jornalista fez a cobertura para uma matéria especial veiculada na revista “O Cruzeiro”. Apesar de não utilizar a expressão holocausto, Luiz Alfredo faz uso em uma única declaração das expressões, horror, tragédias, mortes, crime e assassinato em massa, que em um mesmo contexto e inseridas na lógica da reportagem corroboram com a assertiva de “Holocausto Brasileiro” desenvolvida pela jornalista: “Tive a sorte de estar lá e só precisei clicar a máquina, porque o horror estava ali. A gente lida com muitas tragédias, vê muitas mortes, mas aquilo não era acidente, era um crime, um assassinato em massa” (ALFREDO apud ARBEX, 2011, p. 5)

A terceira matéria, “33 Crianças viveram horrores da Colônia” (ARBEX, 2011, p. 5) procurou mostrar como eram as vidas das crianças internadas na Colônia, bem como das mulheres que tiveram filhos dentro hospital. Neste contexto duas histórias de ex-internos são destacadas pela repórter: Silvio Savat que ainda hoje possui sérias limitações e necessita de tratamento permanente, e Sueli Aparecida Resende, que entrou no hospital aos 8 anos de idade e aos 27 deu à luz a uma menina que foi retirada de seus cuidados e doada a uma funcionária da instituição. A menina apenas tomou conhecimento da história anos depois e ao procurar pela mãe, soube que ela havia falecido poucos meses antes.

Nesta terceira matéria, com os dois lados em disputa consolidados, o Hospital Colônia e as vítimas, a repórter começa novamente com o *lead* que evidencie este duelo e, ressalte o protagonismo das vítimas:

Crime de lesa humanidade. Talvez essa seja a expressão possível para definir a rotina do Hospital Colônia de Barbacena onde, até a década de 1980, crianças eram mantidas nos pavilhões e recebiam tratamento idêntico ao oferecido aos adultos, permanecendo, inclusive, no meio deles. Trinta e três meninos e meninas do hospital psiquiátrico da cidade de Oliveira (MG), que havia sido extinto nos anos 1970, foram transferidos para a unidade. Lá eles sentiram na pele os maus-tratos das correntes, da camisa de força, do encarceramento e do abandono (ARBEX, 2011, p.5).

As duas personagens através da qual a terceira matéria se constrói, Sílvia Savat e Sueli Aparecida Rezende, não atuam de forma ativa no texto, propositalmente. A presença silenciosa de cada um causa ainda mais legitimidade para a narração. A repórter comprova, através da declaração de personagens secundárias (Mercês Atem Osório e Débora Aparecida) o antagonismo do Hospital Colônia na narrativa e a sua posição como originador do conflito e da tragédia que atingiu seus protagonistas, as vítimas.

Silvio é retratado como o reflexo dos maus tratos vivenciados no hospital. A repórter o situa como um ícone vivo, mais do que um interno, um sobrevivente, alguém que sentiu na pele os maus tratos da Colônia e que ganha voz na voz da coordenadora do Lar Abrigado (instituição para a qual foi transferido, situada em Belo Horizonte) Mercês Hatem Osório:

O Silvio, como os outros, chegou aqui imundo. Vieram para passar um dia e acabaram ficando a vida inteira. Quem os recebeu ficou chocado com o estado dos vinte e tantos meninos de Barbacena. Aqui eles tiveram que aprender até como usar o banheiro. (...) Nenhum dos quatro que ainda estão vivos fala, mas a gente entende o que eles querem, inclusive seus gritos. O bonito de verdade é que eles não têm mais o olhar perdido (OSÓRIO *apud* ARBEX, 2011, p. 5).

A história de Aparecida Silva Rezende ganha vida pela voz da filha, sendo também contada de forma indireta:

Descobrir a minha história foi muito importante, porque, desde criança, eu carregava um vazio tremendo e me sentia deslocada no lar em que vivia. Eu era uma criança triste e, somente aos 23 anos, descobri minha adoção e também que meus familiares estavam envolvidos nessa mentira. Quando soube da minha mãe, fiquei muito emocionada e fiz questão de encontrá-la. Não deu tempo. No entanto, fui informada por funcionários do hospital que ela me procurou a vida inteira (APARECIDA *apud* ARBEX, 2011, p. 5).

A quarta matéria, “Denúncias dão início à reforma psiquiátrica”(ARBEX, 2011, p. 5), dissertou sobre as primeiras denúncias da classe médica ao tratamento desumano utilizado na Colônia e os primeiros movimentos da reforma psiquiátrica no país. A jornalista explica que no ano de 1979 o principal expoente da reforma manicomial na Itália, Franco Basaglia, esteve no Brasil e visitou o Hospital Colônia, ficando estarecido com o

cenário que vislumbrou. A partir desta visita, a Associação Mineira de Saúde Mental ganhou força e começou a militar mais fortemente pelos direitos dos portadores de doenças psiquiátricas.

No *lead* desta matéria a repórter fará uso novamente de uma importante estratégia narrativa, estratégia essa que sustenta a tese “Holocausto Brasileiro” deste o primeiro capítulo da série: a analogia. Se, anteriormente, a analogia foi utilizada, sobretudo nas falas das fontes, como um estratagem de ratificação da tese levantada, agora, é na própria voz da jornalista que ela se expressará no texto. Este movimento coloca em ação personagens que, apesar de aparecerem nas matérias anteriores de forma isolada, agora através do discurso argumentativo empregado pela narradora, adquirem uma conotação mais emblemática para a reportagem.

Minas produziu a maior tragédia da loucura no país, através do Hospital Colônia, mas acolheu os primeiros movimentos pela reforma psiquiátrica. Assim como na Inconfidência Mineira, importante movimento social da história do Brasil, ocorrido em 1789, a luta pela mudança de paradigma na saúde mental, deflagrada oficialmente em 1979, contou com a ajuda de insurgentes. Alguns dos psiquiatras que se rebelaram contra a desumanidade de Barbacena, localizados agora pela Tribuna, foram, na época, exonerados do serviço público, responderam a sindicância no seu órgão de classe, sendo ainda hostilizados por colegas que se calaram, por décadas, diante do genocídio ocorrido na Colônia (ARBEX, 2011, p.5).

Os primeiros psiquiatras que demonstraram indignação com o que era praticado na Colônia são relacionados aos insurgentes da Inconfidência Mineira, importante movimento social do Brasil no qual os brasileiros lutaram pela liberdade contra a opressão do governo português no período colonial, em 1789. Este fato histórico está impresso na memória da população; ainda que de forma vaga, as pessoas tendem a fazer uma correspondência dos inconfidentes com heróis, que lutaram pela liberdade do povo brasileiro. A evocação deste episódio mostra uma perspicácia da repórter ao direcionar o olhar do leitor para a importância dos médicos que começaram a luta antimanicomial no Brasil, relacionando seus feitos diretamente aos dos realizados pelos inconfidentes mineiros.

Se, como já discutido anteriormente, as vítimas ocupam o papel de protagonistas no enredo e a Instituição Hospital Colônia personifica a causa geradora do conflito, agindo como um antagonista, os psiquiatras que se rebelaram com o que era praticado no hospital serão representados na série como os grandes heróis da história contada, àqueles que reconheceram a injustiça e movimentaram-se em prol de uma solução e uma salvação das vítimas da Colônia. Vale ressaltar que, toda argumentação utilizada na construção de uma narração, possui um objetivo, mesmo que ele não esteja claro para o

leitor. Ao posicionar os psiquiatras nesta perspectiva e, neste ponto da série, a jornalista apresenta uma solução parcial, para o conflito dramático “Holocausto Brasileiro”: as primeiras denúncias realizadas pela classe médica foram as responsáveis pelas primeiras mudanças nas diretrizes do tratamento psiquiátrico no Brasil.

Em um enredo ficcional as histórias apresentam um começo, desenvolvimento e final. Entre o desenvolvimento e o final, um conflito geralmente permeia a narrativa, conferindo ritmo e clímax e, após sua resolução, ocorre o desfecho. Percebe-se que na série “Holocausto Brasileiro” o movimento será semelhante. Se nas primeiras matérias a repórter apresentou o conflito dramático (Holocausto Brasileiro) e posicionou estrategicamente seus protagonistas (vítimas) e antagonista (Hospital Colônia) com vistas a demonstrar como a ação de um repercutiu tragicamente sobre o outro, agora ela insere àqueles que trazem a dissolução deste conflito.

Neste contexto, entra em evidência a declaração da primeira fonte, Membro da Associação de Psiquiatria Brasileira, Francisco Paes Barreto, que em 1979 também denunciou as condições dos hospitais psiquiátricos em Minas. Paes Barreto é mais uma personagem a corroborar com a primeira analogia criada pela jornalista, na qual o Hospital Colônia e o holocausto nazista estão intimamente relacionados. Na frase também estão expressas as palavras cadáveres, nazismo e horror, que, em conjunto, formam um verdadeiro cenário de holocausto na perspectiva do leitor:

A tolerância mórbida dos psiquiatras se estendeu ao meio médico, em cujas faculdades os cursos de anatomia eram abastecidos por generosa quota de cadáveres provenientes de Barbacena. Os hospitais de crônicos da rede pública eram "instituições finais", numa alusão à "solução final" do nazismo. As denúncias sobre a realidade brutal de nossos hospitais psiquiátricos, enquanto permaneceram restritas aos meios profissionais, mostraram-se inteiramente inócuas, pois havia uma acomodação, na qual todo aquele horror tornara-se banal (BARRETO *apud* ARBEX, 2011, p. 5).

Com esta assertiva, a série finaliza as declarações de cunho dramático para abrir espaço para a discussão em torno da luta antimanicomial, os primeiros movimentos, o que mudou e o que ainda pode ser melhorado. É explicado para o leitor o conceito de residências terapêuticas (casas localizadas no espaço urbano construídas para responder às necessidades e moradia de pessoas portadoras de transtornos mentais graves, internadas em clínicas ou não) e a nomeação de Barbacena como a cidade com o maior número destas residências do país em relação ao número total de habitantes. As discussões sobre a psiquiatria no Brasil, iniciadas na quarta matéria serão finalizadas apenas na sexta matéria.

No quinto capítulo da reportagem, a jornalista abre espaço para uma abordagem diferente, e ao invés do modelo tradicional de reportagem, é realizada uma longa entrevista com o cineasta Helvécio Ratton, idealizador do documentário “Em nome da razão” de 1977 através do qual o mundo pode conhecer como era a rotina da Colônia. Toda a entrevista discorre sobre o documentário, por quê e como foi filmado, as impressões de Ratton sobre o hospital e seus pacientes e etc. Em cada resposta o cineasta reafirma, com palavras diferentes, tudo o que as demais fontes mencionadas já haviam relatado. Na última pergunta porém, quando a repórter questiona sobre o por quê do nome “Em nome da Razão”, Helvécio Ratton responde com uma afirmação que justifica, do ponto de vista narrativo adotado pela jornalista, o porque da denúncia:

Porque "em nome da razão" é que essas pessoas eram confinadas. Em nome da razão, se matava, se drogava, praticamente se torturava. Como se as pessoas destituídas de razão pudessem sofrer tudo aquilo. Queria dar um sentido dúbio. É como se, em nome da razão, se cometessem todos aqueles crimes e, em nome da razão, era fundamental que se parasse de cometer. Trinta e um anos se passaram, mas aquilo continua tão vivo (RATTON *apud* ARBEX, 2011, p.5)

A sexta matéria, “Após 10 anos lei ainda divide especialistas” (ARBEX, 2011, p. 4), discorre sobre a Lei 10.216 de 2001 de autoria do então deputado federal Paulo Delgado, que propõe um modelo de atenção à saúde mental aberto e de base comunitária, extinguindo o antigo modelo asilar manicomial. No decorrer da matéria, a repórter contrapõe os dois lados, mostrando os questionamentos de quem é contra e de quem é a favor da Lei. Optou-se neste estudo por não analisar as fontes e citações da sexta matéria, uma vez que ela não empreende questionamentos a cerca das estratégias de legitimação do discurso jornalístico enquanto um conflito dramático. Como já mencionado, este conflito inicia-se na primeira matéria e finaliza-se na quarta matéria da série, quando os psiquiatras “insurgentes” entram na narrativa e apresentam os primeiros movimentos em prol da extinção do tratamento manicomial realizado pela Colônia.

A sétima e última matéria, “A história por traz da história” (ARBEX, 2011, p.5), faz uma recapitulação da trajetória de toda a reportagem. Nela a repórter relata em primeira pessoa quando surgiu o interesse de realizar uma cobertura jornalística sobre a história do Hospital Colônia de Barbacena, os desafios para localizar as fontes, a recuperação do passado e o retorno do público que, segundo a jornalista, começou a reservar com antecedência de um dia o jornal nas bancas da cidade para poder acompanhar a série.

Neste último movimento da jornalista é possível vislumbrar ainda uma estratégia final de narração e envolvimento do leitor em seu relato. Colocar-se no texto

remete a uma tentativa de aproximação e coloca o leitor quase que como um amigo, para o qual uma história é contada. Ao relatar a história diretamente pelo seu ponto de vista, a repórter reafirma a legitimação da denúncia que empreendeu em toda a reportagem:

Durante uma entrevista com o psiquiatra José Laerte, em seu gabinete na Câmara, onde ele exerce mandato de vereador, o médico tirou um livro da gaveta e me disse: "você precisa ver isto." Bastou o contato com a primeira imagem do livro Colônia para que a senha da indignação fosse acionada. Lembro de repetir, ali mesmo, por diversas vezes, a expressão "não acredito". O impacto que aquelas cenas me causaram foi tão forte, que a vontade de contar essa história me perseguiu por todos os dias que se passaram. Só conseguia pensar que precisava ir até Barbacena e ver de perto o que havia restado do pior capítulo da história da psiquiatria mineira. Me senti na obrigação de contar as novas gerações que o Brasil também registrou um genocídio. Esperei por dois longos anos até conseguir, na correria da redação, uma oportunidade de mergulhar no universo da Colônia (ARBEX, 2011, p. 5).

Luiz Gonzaga Motta afirma que “nenhuma narrativa é ingênua, neutra, imparcial, toda narrativa é argumentativa” (MOTTA, 2013, p. 196), ou seja, o narrador sempre terá algum propósito narrativo através do qual contará uma história. Sobretudo no jornalismo, onde encontramos um permanente jogo entre efeitos de real e outros efeitos de sentido mais ou menos exacerbados, com vistas a convencer ou induzir o receptor a determinadas interpretações e pontos de vista.

A jornalista encerrou a reportagem com a fala de sua última fonte. Com uma declaração contundente o psiquiatra juiz-forano Uriel Hecket faz a legitimação final daquele trabalho jornalístico e encerra com uma declaração forte, cuja posição no texto concentra tudo o que foi debatido pela repórter durante toda a série: os injustificados maus-tratos e o genocídio em massa de mais e 60 mil tutelados de uma instituição psiquiátrica, o Holocausto Brasileiro:

O benefício maior que antevero nesta iniciativa jornalística é o de alertar-nos para o que se está praticando hoje sob o respaldo dos proclamados avanços científicos e dos novos dispositivos assistenciais. A experiência pretérita deve nos alertar para os riscos inerentes a todas intervenções humanas; e isso não só no campo da saúde, mas também nas demais áreas do saber. Até os bons projetos e as boas intenções tendem a deturpação, em decorrência da miserável condição de nós humanos. Que Deus nos livre de nós mesmos (HECKET apud ARBEX, 2011, p. 5).

Toda narração terá um motivo, oculto ou não, que justificará sua existência. No caso de “Holocausto Brasileiro” a jornalista se preocupou em direcionar a narração em prol de uma denúncia e para isso optou por fontes e declarações que corroborassem com este conceito e evidenciassem, por vezes de forma dramática, como o Hospital Colônia cruzou e modificou as suas vidas. Essa estratégia narrativa permitiu que os receptores da informação, os leitores do jornal, assimilassem essa ideia e, por fim, confiassem na denúncia e com ela

interagissem. Como ressalta Motta (2013) o objetivo do jornalismo reside justamente na ruptura de um estado normal para um acontecimento discordante.

Considerações Finais

A narração pode ser compreendida, portanto, como uma forma de legitimação de poder e hegemonia nas diversas perspectivas da comunicação. O discurso narrado está inserido em contextos sócio-políticos que delimitarão seus contornos e nuances de acordo com estratégias linguísticas pré-determinadas pelo jornalista e pelo veículo no qual ele está inserido. Percebemos com este trabalho que apesar da inquestionável importância da denúncia realizada pela repórter Daniela Arbex, a reportagem possui um ponto de vista claro e direcionado e, que, no desenvolvimento e demarcação deste enquadramento, uma série de táticas linguísticas e argumentativas são criadas para referendá-lo e justificá-lo. A narração, que por vezes se aproxima de uma linguagem teatral dramática, seduz e envolve o leitor, de modo a introduzi-lo no universo do enredo e convence-lo de sua legitimidade. Percebe-se por tanto, que nenhuma narração é ingênua, e sim guiada por uma série de interesses simbólicos, claros ou não, que guiarão os seus contornos.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro: 50 anos sem punição. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 20 nov. 2011. Geral, p.3.

ARBEX, Daniela. Comércio da morte só parou na década de 80. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 22 nov. 2011. Geral, p.5.

ARBEX, Daniela. 33 Crianças viveram horrores da Colônia. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 23 nov. 2011. Geral, p.5.

ARBEX, Daniela. Denúncias dão início à reforma psiquiátrica. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 24 nov. 2011. Geral, p.5.

ARBEX, Daniela. Entrevista Helvécio Ratton. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 25 nov. 2011. Geral, p.4.

ARBEX, Daniela. Após 10 anos, Lei ainda divide especialistas. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 26 nov. 2011. Geral, p.4.

ARBEX, Daniela. A história por trás da história. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 27 nov. 2011. Geral, p.5.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.